

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JANEIRO/2013 - ANO XV - Nº 192

Foto Arquivo Pró-Memória

EDITORIAL

O programa “Fantástico”, da Rede Globo, mostrou no dia 13/01 a vergonhosa situação em que algumas cidades ficaram ao término de seu último governo. Muitos novos prefeitos empossados encontraram prefeituras sem luz, sem água, com o patrimônio dilapidado e sem dinheiro para nada.

O desgoverno em cidades brasileiras é grande, fruto do descompromisso de políticos com os cidadãos, políticos que deixam prefeituras sucateadas ao fim de seus mandatos. Entre tantos desmandos observa-se a falência na saúde pública, a má gestão dos recursos da educação, nenhum investimento na cultura, frotas de veículos sem condições de uso, computadores e móveis roubados, documentos violados, dívidas e mais dívidas, além de convênios e contratos rescindidos por falta de pagamentos e de prestação de contas.

A partir de uma breve análise evidencia-se que o descaso de governos e prefeitos municipais se deve à omissão na fiscalização da administração pública, seja por parte das Câmaras Municipais ou pelos Tribunais de Contas. Esses desvios administrativos devem ser estancados. Somente desta forma será possível para o Brasil acompanhar os países que mais se desenvolvem e tornar-se competitivo no mundo globalizado. Se não for assim, a estagnação e o retrocesso serão o resultado.

Para que o país se desenvolva é preciso que a corrupção em todos os níveis de governo seja combatida. Mas é nos municípios que essas mudanças precisam ter início. Os municípios alicerçam a unidade nacional e constituem a base do desenvolvimento, com oportunidades de trabalho e de lazer, difusão da educação e cultura e o exercício imediato da cidadania.

Enormes são, portanto, as responsabilidades do administrador municipal, especialmente em um momento em que é unânime a exigência de austeridade nos gastos e rigor na gestão pública. A participação da população nos destinos das cidades acompanhando e apoiando a administração pública é fundamental. A relação entre governos municipais e comunidade é extremamente diferenciada e muito mais profunda do que aquela que ocorre em outros níveis de governo. Não é à toa que, por isso mesmo, essa relação é a que mais contribui para o exercício da cidadania.

Que o ano novo desperte em todos os municípios o censo de pertencimento e a vontade de trabalhar para o engrandecimento do município.

Feliz ano novo! Feliz Administração!



A missão de governar o município exige de seus dirigentes determinação. Nos últimos anos, pelo país a fora, o descaso e a irresponsabilidade de muitas administrações concorreram para o atraso social e material de nossas cidades.

Ano novo! Administração Nova!

No dia primeiro de janeiro, numa concorrida cerimônia no salão Luiz Vieira Soares, nossos munícipes acolheram, de maneira calorosa, a nova prefeita eleita de Piquete, seu vice e os novos integrantes do Legislativo. A cerimônia de posse dessas autoridades foi histórica e de grande significado para todos e para a política municipal. Pela primeira vez na história de Piquete, assumiu a chefia do Executivo Municipal uma mulher – a arquiteta Ana Maria de Gouvêa. Pela primeira vez, também a Câmara Municipal será presidida por uma mulher – Maria Aparecida de Almeida Félix.

É grande a expectativa dos piquetenses quanto à administração que se inicia. O município por muitos anos vem sendo malcuidado. Falta planejamento e metas, de maneira que navega sem um timoneiro. Uma sensação de paralisia e insolvência é sentida por todos. Para reverter essa situação e equacionar diferentes e crônicos problemas aumenta a responsabilidade da prefeita, do vice-prefeito, dos vereadores e servidores municipais. São eles os guardiões dos sonhos de uma cidade mais humana e fraterna. São eles também os responsáveis por concretizá-los. Todos aspiram por melhor assistência na saúde, esperam que a cidade se torne cada vez mais bonita e acolhedora. Esperam, também, que a educação, a cultura, a segurança e o meio ambiente sejam priorizados. Para que isso aconteça, a participação dos munícipes na vida da cidade é

de fundamental importância. Todos são chamados a contribuir, assumindo com responsabilidade os compromissos de cidadãos. Espera-se dos novos governantes um olhar mais cuidadoso sobre nossa cidade. É preciso zelar por ela. A missão de cada um não será nada fácil, mas as dificuldades, com certeza, não serão maiores que o desejo de governar a partir dos valores da ética e da transparência, de maneira honesta e participativa.

A missão de governar o município exige de seus dirigentes determinação. Nos últimos anos, pelo país a fora, o descaso e a irresponsabilidade de muitas administrações municipais concorreram para o atraso social e material de nossas cidades. Essa triste realidade fortaleceu o conceito errado de que a política e os detentores do poder são, por natureza, corruptos, mesquinhos e interesseiros. Muitos chegam a dizer que não existe administração honesta em nosso país. O Brasil encontra-se classificado entre os mais corruptos do mundo. Os eleitos recém-empossados em Piquete terão a oportunidade e a importante missão de fazer história e de ser protagonistas e exemplos para o país. Acreditamos que desempenharão seus trabalhos com determinação. Precisamos educar nossas crianças e jovens para a honestidade. E o melhor caminho é pelo exemplo e testemunho de vida de nossas lideranças. Assim poderíamos romper esse círculo vicioso de desmando e descaso para com a coisa pública.

Imagem - Memória

Fotos Arquivo Pró-Memória



As marchinhas de Carnaval

A cada ano que passa se distanciam no tempo aqueles velhos e animados carnavais, nos quais, nos diversos salões da cidade, orquestras tocavam marchinhas carnavalescas de melodias simples e alegres que levavam os foliões a cantar e a dançar.

Debochadas e irreverentes, as marchinhas são testemunhas de um Brasil gentil, brejeiro e bem-humorado, quando a crítica aos costumes eram cantadas com ingenuidade, muita graça e malícia.

Com letras de fácil memorização, e por todos cantadas, as marchinhas carnavalescas são um gênero de música popular que predominou no Carnaval brasileiro nos anos de 20 a 60 do século passado, quando começou a ser substituída pelo samba-enredo. No entanto, pelo interior do país, sem o brilho do passado ela resiste. Durante o reinado de Momo, blocos desfilam pelas ruas das pequenas cidades cantando novas marchinhas e revivendo as antigas. Estas sim, agitam os foliões.

A primeira marchinha que imediatamente se popularizou tornando-se conhecida e até hoje cantada foi “Ó abre alas”, composta em 1899 por Chiquinha Gonzaga para o cordão carnavalesco Rosa de Ouro, no Rio de Janeiro.

Este estilo musical veio importado para o Brasil e descende diretamente das marchas populares portuguesas, tem o compasso binário das marchas militares, embora mais acelerado, com melodias simples e letras picantes, cheias de duplo sentido. Inicialmente calmas e bucólicas, as marchinhas

a partir da segunda metade do século XX passaram a ter andamento acelerado, devido à influência da música comercial norte-americana da era do Jazz – bands – tendo como exemplo as marchinhas “Eu vi” e “Zizinha”, de 1926, ambas do pianista e compositor José Francisco de Freitas.

A marchinha destinada expressamente ao Carnaval brasileiro passou a ser produzida com regularidade no Rio de Janeiro, a partir de composições de 1926 como “Pois não”, de Eduardo Santos e João da Praia; “Ai Amor”, de Freire Junior e “O” pé de Anjo”, de Sinhô, e atingiu o apogeu com intérpretes como Carmem Miranda, Emilinha Borba, Almirante, Calva de Oliveira, Sílvia Caldas, Blecaute, que interpretaram ao longo do século XX composições de João de Barros, o Braguinha, Noel Rosa, Ary Barroso e Lamartine Babo. Um outro grande compositor de marchinhas foi João Roberto Kelly.

Em Piquete, em 1926, quando saiu às ruas o rancho “Flor do Indaiá”, além da música composta para esse rancho – “A Florzinha do Indaiá” –, os foliões piquetenses cantavam “Ó abre alas”. A partir de 1930, com a chegada e a difusão do rádio, as marchinhas tornaram-se mais divulgadas e conhecidas. Em 1931, o Rancho Flor do Indaiá e o Bloco dos Índios percorreram as ruas de Piquete cantando “O teu cabelo não nega”, de Lamartine Babo, e “Ta-hí”, de Joubert de Carvalho. O sucesso dessas marchinhas foi instantâneo. Pela rádio, desde dezembro elas eram divulgadas. Todos os anos as novas

composições eram tocadas com frequência a partir do final do ano, de maneira que no Carnaval todos a sabiam de cor. Esse fenômeno era nacional: o Brasil inteiro cantava. O Carnaval daqueles tempos era uma festa popular, em que o improviso, o lirismo, o humor, a malícia e a ironia predominavam, e isso só ocorria devido às marchinhas.

A partir da década de 1960, a marchinha passou a ser substituída por outros gêneros musicais: o samba-enredo, o axé e outros ritmos baianos. Alguns compositores contemporâneos tentaram revitalizá-las, como Chico Buarque, Caetano Veloso e Moraes Moreira. Apesar do sucesso de suas músicas, a grande era das marchinhas pertence ao passado. Mas, como “Recordar é viver”, as marchinhas serão sempre lembradas.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

João Matos

Desde a mais tenra idade ele foi uma criança curiosa...

Aficionado pela película fotográfica, conta-nos que, menino, recolhia atrás do Cine Estrela cortes de filmes desprezados pelos projetistas. Ele os recolhia e passava horas observando à contra luz a sequência de imagens. Criou, então, com uma caixa e uma lâmpada, um projetor e convidava os colegas para assistirem às suas projeções. Esta brincadeira foi que, certamente, despertou João Raimundo Matos para a fotografia... Autodidata, diz que enveredou para essa arte de maneira intuitiva. Tendo um livro sobre fotografia passava horas lendo e reconhecendo o mecanismo e a engrenagem da impressionante caixinha que capturava e aprisionava os momentos eternizando-os em imagens. Aprendeu assim a escolher o melhor papel fotográfico, o manuseio e a reação química do revelador e do fixador.

Tendo ganhado uma câmera Kapsa montou, num dos cômodos de sua casa, um pequeno laboratório. O pai trazia de São Paulo o material necessário. Começou aí suas incursões pelo mundo da fotografia. Passava horas no quarto escuro revelando e experimentando, ansioso pelas imagens que emergiam da solução. Suas primeiras fotografias foram de grupos de amigos e de ruas de Piquete. Com elas ganhou seus primeiros trocados e incentivos. Algumas dicas da arte de fotografar, recebeu-as do experiente fotógrafo J. Aquino: iluminação, corte, enquadramento, retoque...

Aos 16 anos, seu pai alardeando que o filho era um excelente fotógrafo, conseguiu junto ao diretor da FPV que ele fosse trabalhar no estúdio fotográfico recém-criado por essa instituição. Lembra-se de que logo no primeiro dia foi escalado para cobrir uma festa de aniversário na casa de um coronel, na Vila da Estrela. Quando soube da tarefa, ficou apavorado. Apesar de inseguro e receoso, enfrentou o desafio, pois viu nele uma oportunidade para ser contratado. Foi ao estúdio da FPV e, pela primeira vez, teve às mãos uma câmera profissional Rolleiflex, com flash alemão. Conhecia a máquina por



teoria, pois a tinha estudado de antemão, mas foi no susto que adquiriu a prática. Foi tremendo para a festa do coronel Claudino de Barros. Após essa prova de fogo sentiu-se pronto. Nada mais o intimidaria. Era 1958. Trabalhou por dois anos no estúdio fotográfico da Fábrica com Almir Pantoja, João Prado e Maroni. Após um curso de contabilidade, foi transferido para trabalhar no escritório da granja São Miguel, onde permaneceu até 1973. Daí foi para a contadoria da Fábrica, onde, depois de seis meses, pediu demissão passando a se dedicar integralmente ao seu próprio negócio: em 1967, João Matos abriu um estúdio fotográfico na Avenida Rodrigues Alves. Dois sobrinhos, que com ele haviam aprendido a fotografar, trabalhavam de dia enquanto ele cumpria o expediente na Fábrica. João Matos fotografava todos os eventos da cidade...

Com a diminuição do número de operários da Fábrica, a inflação e outros motivos que levaram à queda do poder aquisitivo dos moradores, João Matos viu-se na contingência de se mudar para Lorena, em 1993. Tornou-se um dos mais conceituados fotógrafos dessa cidade. Atualizado, foi pioneiro no sistema digital.

João Matos nasceu em Piquete no dia 16 de junho de 1942. Filho de Iracema e Benedito Francisco de Mattos. Estudou no Grupo Escolar Antônio João e no Ginásio Industrial da FPV. Casado com Odinéia Aparecida de Souza Matos, conta que a conheceu quando tinha 14 anos. Casaram-se em 1967. O casal têm três filhos, todos fotógrafos, e dois netos.

Numa conversa informal, João Matos recorda-se dos amigos da escola, dos bailes e festas de Piquete e de como sempre foi curioso. Aventurou-se na arte da mágica e das marionetes. Como ventríloquo, apresentava-se com um grupo de amigos em clubes e no Salão Padre Juca, onde promoviam shows, gincanas e esquetes – fez alguns documentários com superoito. Apesar de ser um personagem multifacetado, é como fotógrafo que se realiza. Da primeira câmera ganha aos 14 anos às sofisticadas câmeras digitais de hoje ele mantém o olhar. E que olhar! João Matos é um Senhor fotógrafo.

Uma visão para 2013

Celso Colombo

Este artigo não trata de profecias, achismo ou alguma coisa parecida. É tão-somente um esforço de inteligência apoiado em informações políticas, econômicas e até psicossociais disponíveis no mercado. Em 2012, o país registrou pífio crescimento econômico, que só não foi pior graças a medidas governamentais de estímulo a certos segmentos da indústria e comércio, ao lado de concessão de crédito e desoneração de impostos. Com isso, os empregos foram preservados em cenário de saldo comercial tímido da balança comercial e continuidade, e até ampliação de benefícios sociais. Continuamos sendo penalizados em nossa infraestrutura, que eleva custos e reduz a capacidade competitiva do país. A partir desse cenário, especula-se o ano de 2013, para o qual não se projetam mudanças interessantes na economia dos países mundo afora, inclusive a dos Estados Unidos. Por aqui, as famílias atingiram o ponto máximo de endividamento e devem efetuar ajustes que podem desembocar em queda de consumo. O Governo procurará dar continuidade de estímulos a segmentos importantes da economia, via desoneração de impostos. Com isso, queda na arrecadação, com reflexos diretos nos repasses aos estados e municípios, com ênfase em possível valor menor no Fundo de Participação dos Municípios (FPM) que, praticamente paga os salários dos servidores de grande parte dos municípios brasileiros. Arrecadação em queda, reajuste do salário mínimo em 9% a partir de janeiro/13, e, regra geral, elevação dos salários dos eleitos em 7/10/12 projeta grandes dificuldades para milhares de municípios. Equação difícil de ser contornada, que poderá dificultar aos eleitos honrar ou cumprir compromissos de campanha: Saúde e Educação poderão experimentar menores repasses. E Prefeituras que se empenharem, por exemplo, na elaboração de Projeto de Cargos e Salários, sem demissão de servidores, entrarão em rota de suicídio ao lado de iminente desgaste político dos executivos municipais. Com os cofres públicos mingua-dos, os executivos eleitos deverão tomar um conjunto de medidas antipáticas com vistas a assegurar um mínimo de dignidade aos milhões de munícipes espalhados por esse nosso país. Duas colocações se apresentam importantíssimas: respeito e transparência com o dinheiro público e participação ativa da sociedade para que seus direitos à saúde, educação, bom transporte urbano, continuidade no recebimento de medicamentos, merenda escolar de qualidade etc, sejam atendidos no melhor possível. Aos eleitos, pensar globalmente e agir localmente. Agindo dessa forma, estarão no século XXI convivendo com a modernidade e abrindo caminho para um futuro promissor. Aos cidadãos, o exercício da cidadania, para que o bem comum prevaleça, afastando o nepotismo e a corrupção. Que boas políticas públicas se materializem para a melhoria significativa da qualidade de vida em todos os municípios brasileiros.



Memorial dos Moradores de Piquete

Sr. Lúcio Seraphim Machado (1906-2012)

O “seu” Lúcio Seraphim Machado, tido como o homem mais velho de Piquete em nossos dias, faleceu com 106 anos no dia 27 de junho de 2012, conforme foi noticiado pelo **Jornal Comunitário**, sob a direção do jornalista Luis César Arantes, com data de 31 de julho de 2012. As fotos de seu Lúcio ao completar 106 anos, exibidas por Luis César, são de um homem feliz. Os comentários apresentados pelo jornalista dão conta de que o “tio Lúcio” estudou até a 2ª série do primário, gostava da escola e foi bom aluno. Entre outras referências, as anotações de que o homenageado foi sempre um homem dedicado ao ambiente rural, onde nasceu, viveu todo o tempo e se dedicou plenamente aos afazeres rurais. Não chegou a cumprir o serviço militar por não ter sido sorteado para esse fim. (Era da organização militar que o engajamento à tropa e o treinamento, com a chance de carreira na caserna, dependiam de sorteio dos rapazes na idade convencionada para esse fim).

O que seu Lúcio queria era ter um sítio próprio, e o conseguiu, e aí viveu para sempre. Era admiradíssimo pelos que o visitavam, dado sempre como um homem simples e trabalhador.

Tempos atrás solicitei à minha amiga, a professora Cláudia Pereira dos Reis, já morta há sete anos, que visitasse seu Lúcio e o entrevistasse, ela, que como ele, era moradora do bairro do Benfica, bairro dos mais antigos de Piquete, vinculado às origens do município que foi tornado cidade em 1891. A entrevista deu-se em julho de 2003. Foi quando seu Lúcio falou bastante da escola do Benfica, que frequentara, e lembrou-se da professora que teve, a dona Irene, que, por sua referência, morava na Vila Duque de Caxias. Segundo sua memória, a escola havia sido instalada pelo avô – Joaquim Norberto da Silva. Fez também questão de registrar os nomes dos pais, Antônio Seraphim Machado e Cassimira Sebastiana da Soledade.

Para Cláudia ele foi lembrando as modificações por que o lugar passara – a abertura da rodovia para Minas, onde antes era o caminho das tropas, a mesma que até hoje serve de caminho para os peregrinos que descem a pé de Minas, pela Mantiqueira, em direção a Aparecida. Ele mesmo foi ro-



meiro por cerca de 30 anos. Diz que ia a pé e voltava “de condução”. Segundo enfatizou na entrevista, toda a família é do bairro, salvo a avó materna que nasceu em Delfim Moreira. Afirmou que era solteiro. Fez questão de anotar que plantava milho e feijão, dois dos cultivos mais comuns da área.

Lembrou-se das festas principais: as juninas e as folias de Reis. (dos Santos Reis, segundo ele). Falou de uma capela de Nossa Senhora Aparecida entre os dois rios, (provavelmente o Benfica e o Tabuleta, seu tributário, formadores da bacia do ribeirão Piquete). Citou que outra pequena igreja estava nas Poças (talvez Posses), e que era dedicada a São Bom Jesus. A memória dele, fragmentada como a dos idosos - ele já perto dos 100 anos na data da entrevista - provavelmente sofria algumas alterações. Assim, diz que a igreja caíra e que os moradores transferiram o culto do Bom Jesus para a igreja de Nossa Senhora Aparecida no bairro da Tabuleta, nome também dado ao bairro, segundo seus moradores, por ter contido uma tabuleta indicativa da bifurcação de caminhos ao pé da serra.

A generalização do nome Benfica dá as bases de referência: que se estende do Bambuzinho à Tabuleta e se expande pela encosta da serra, em demanda das nascentes do ribeirão Benfica – caminho mais cômodo para galgar a Mantiqueira num dos

caminhos das Minas.

Mais ainda, seu Lúcio faz lembrar do prolongamento do bairro desde a Vila Barão, (referência ao Barão da Bocaina, com fazenda no local), que foi dotada de uma porteira de acesso ao referido caminho. Assim ele se lembra de que ali estava um pouso das boiadas que desciam a serra a caminho dos matadouros e onde se reuniam os boiadeiros e cavaleiros – havia um rancho apropriado para as suas paradas.

Lembra-se dos antigos conhecidos como João Rosa, que teria feito a casa que se lhe tornou moradia. Além de acrescentar ser João irmão de Christiano Rosa, do qual se lembra como prefeito da cidade de Piquete, não sem deixar de dizer que este, como prefeito, dava atenção à população. Lembra-se de outras famílias que aí residiram, mas sua principal lembrança é dada pelos sofrimentos causados pelos participantes da Revolução de 1932. Diz que os soldados ficaram no bairro do Benfica, provavelmente as tropas federais que desceram a serra para se encontrar com os revolucionários paulistas numa luta ferrenha nos bairros do Benfica e da Boa Vista.

É ele quem registra esses locais de lutas. Cita que “a guerra pegava fogo nas trincheiras”. Lembra-se de que no bairro só ficaram os homens, as mulheres foram para o Itabaquara. Não deixa de registrar a apropriação das aves de criação pelos soldados, que as matavam para comer. E de que os moradores nem “abriam a boca” quando os obrigavam a cozinhar, amedrontados pela presença da tropa invasora. Seu Lúcio falou em três meses de revolução, tempo em que o bairro ficou submetido ao medo e à insegurança.

Terminou a entrevista destacando as mudanças de habitantes e as modificações provocadas pela instalação da rodovia, com os caminhões substituindo as tropas de muare. Assim, como testemunha e referente da história oral, seu Lúcio fica-nos como memória viva a ser preservada e privilegiada.

Seu Lúcio testemunhava o fim da República Velha, que cedia lugar à era Vargas, de tão implicadas significações em nossa história.

Dóli de Castro Ferreira

“A cada dia que vivo, mais me convenço de que o desperdício da vida está no amor que não damos, nas forças que não usamos, na prudência egoísta que nada arrisca, e que, esquivando-se do sofrimento, perdemos também a felicidade. A dor é inevitável. O sofrimento é opcional.”

Carlos Drummond de Andrade

Amigos – Concidadãos Piquetenses

Estamos num novo ano, 2013, esperançosos e cheios de expectativas que, desejamos, sejam as melhores. No espaço cibernético nossas mensagens se cruzam vertiginosas. Multiformes e multifacetadas. Promessas por mudanças não faltam, mudanças para o melhor, ainda que este esteja carregado de ansiedades, visto o que nos estampa o presente, que se escoia por entre nossos dedos. Vivemos numa terra boa, favorável e bela, que requer cuidados, trabalho e empenho no aproveitamento de nossas capacidades. Sem nos esquecermos das necessidades. Se gostamos de cuidar de nossas casas e corpos e procuramos a saúde e a beleza para nos darem conforto, assim também deveríamos cuidar dessa nossa casa mais ampla, que é da dimensão espacial – a cidade que nos acolhe do nascimento à morte, ainda que, por razões múltiplas, nos ausentemos. “Esquecê-la” pela justificativa do eventual prejuízo que estampe ou transpareça, somente nos diminui como seres dotados de inteligência e sensibilidade. Ela está em nossa memória em diferentes tempos, nas pessoas que nela viveram ou vivem em suas experiências e atos. Portadora de montanhas, encostas, vales e matas, como diz nosso hino, constituem-na “murallas de picos alados”, como titãs que

“guarnecem, dos filhos amados, os bairros, aldeias e vilas – meninas”. – Essa é nossa terra pátria nos versos inspirados de Nelo Pelegrini, musicados lindamente por Euzébio de Paula Lico.

Uma evocação para despertar nossas emoções, para viver e agir comunitariamente. Sob as bênçãos de Deus e a proteção do nosso Arcanjo São Miguel. Bom poeta, Nelo chamou titãs aos nossos picos montanhosos alçados em suas formações cristalinas acumuladas do tempo do nascimento da Terra e forjadas a fogo e gelo. Ele, que amava a natureza e era bom observador, levava os filhos em excursões de percorrer caminhos para identificar formas, nomeá-las a seu critério e criar-lhes uma saga fantástica que somente um apaixonado consegue divisar, pois seus olhos eram dotados da emoção que transcende a forma, dá-lhe significado e, no mundo cosmogônico, consegue referenciá-la.

Significação tornada poema, no hino homenageia a cidade de Piquete e faz espriar na terra os “sonhos e fé, esperanças e glória de um povo que canta, nas fraldas da serra, os feitos da Pátria nos livros da História”. Canta vibrante a gente que ama a terra natal.

Dóli de Castro Ferreira

Fotos Arquivo Pró-Memória



A justiça deve se acender como um luzeiro

No dia 20 de janeiro, na liturgia da Igreja Romana, segundo domingo do tempo comum, refletimos um texto do livro do Profeta Isaías, composto pelos cinco primeiros versículos do capítulo 62. Trata-se de um texto atribuído ao autor a quem se convencionou chamar de terceiro Isaías. O primeiro Isaías é o profeta que exerceu sua atividade em Jerusalém, no século sexto antes de Cristo, antes da invasão dos babilônios ocorrida em 587 ac.. O segundo Isaías profetizou durante o exílio na Babilônia, no qual uma parcela do povo de Jerusalém permaneceu por aproximadamente cinquenta anos. O autor de nosso texto viveu e profetizou em Jerusalém no pós-exílio, tempo em que a sociedade se reorganizava após a catastrófica experiência do exílio.

O profeta percebia que a nova sociedade se organizava desprovida de valores como a justiça, a igualdade e o cuidado com os pequenos e frágeis. A opressão e a violência, a exclusão dos estrangeiros e dos débeis e o acúmulo de terras e riquezas oriundas da exploração dos trabalhadores eram sinais visíveis de que as coisas não iam muito bem. Por isso dizia o profeta: “Por amor de Sião não me calarei, por amor de Jerusalém não descansarei enquanto não

surgir nela, como um luzeiro, a justiça, e não se acender nela, como uma tocha, a salvação”.

Essas palavras do profeta são muito inspiradoras. A mudança de uma sociedade injusta nasce da capacidade de se perceber com criticidade os processos que envolvem a vida, de se analisar a causa dos males; mas se efetiva se há amor pela cidade, pela convivência; se existem compromisso e disposição em se desgastar pela transformação das coisas, até que aquilo que é obscurecido pela injustiça passe a brilhar pela justiça. Para isso é necessário não se calar e não se deixar abater pelo cansaço, segundo as palavras do profeta. De quem se aventura por amor à cidade, a realizar esse árduo trabalho em prol do bem comum, exige-se uma profunda mística. Místico é o que enxerga onde não há. Assim era Isaías. Vendo uma sociedade deteriorada pela injustiça, afirmava: “As nações verão a tua justiça”. Olhando para uma cidade habitada pela corrupção e pela impiedade, dizia: “Não mais te chamarão Abandonada, e tua terra não mais será chamada Deserta”.

Para o profeta, a principal causa da maldade e da desagregação do tecido social em Jerusalém era o fato de o povo ter abandonado a aliança com Deus, deixado de ouvir

sua palavra, levando uma vida desprovida de virtudes. O último versículo desse pequeno texto deixa a entender que a solução basilar para a cidade de Jerusalém é a conversão de toda a sua gente, é a realização de uma nova Aliança com Deus, que consiste em ter uma conduta justa, conforme os preceitos da Lei. “Assim como o jovem desposa a donzela e como a noiva é a alegria do noivo, assim também tu és a alegria de teu Deus”.

Durante muito tempo também pudemos chamar nossa Piquete de Abandonada e Deserta. Nossa cidade foi marcada pela injustiça e nossa sociedade quase se deteriorou com tanta corrupção. O povo, porém, demonstrou seu amor por ela, como o profeta. Acreditou na possibilidade de mudança, almejando dias melhores e rejeitando a continuidade da injustiça.

Que a retidão de caráter, a honestidade e o compromisso com o progresso de todos que motivaram as últimas eleições sejam valores perenes em Piquete. As autoridades que, para nossa alegria, assumiram os poderes Legislativo e Executivo com o sincero bom propósito de fazer brilhar a justiça, tenham o apoio de nossa gente e a firmeza de perseverar no caminho da virtude.

Pe. Fabrício Beckmann

Crônicas Pitorescas

A grande desculpa...

Palmyro Masiero

Virou epidemia! Juro! Tudo, agora, sobrou para a crise. O que acontece aqui, ali, acolá e nos quintos tem uma culpada: a crise. Última moda!

Antigamente, era comum ouvir-se que quando uma pessoa piorava de alguma doença crônica, estava, por exemplo, com crise cardíaca, crise de asma e até crise de apendicite.

Quando o casal escasseava nas juras, caía numa crise conjugal. Os amantes, ao sentirem a presença de vírus estranhos, tais como o ciúme, intolerância, logo chovia crise amorosa.

Se um indivíduo perdia as estribeiras, explodia em crise de raiva. Tomado por bons sentimentos, deitava numa gostosa crise de ternura. Ainda, por abruptas manifestações na sensibilidade, podia ser premiado por uma crise de choro.

Havia aquele momento de incerteza espiritual que induzia a uma crise religiosa. Uma crise moral, mortificante bem poderia advir como um ato de penitência.

Tivemos tempos difíceis na vida do país; passamos por momentos na evolução dos fatos que foram penosos, graves... Vivíamos, então, uma crise política.

Se aconteciam alterações no concerto das nações, conflitos em algum ponto do globo que afetavam outros povos virava uma crise internacional.

Já vivemos a crise do café. Secas ou inundações invariavelmente carregam consigo uma crise agrícola.

Em certas fases de desenvolvimento deixamos de crescer ou melhorar nosso desempenho, exclusivamente por uma crise de mão-de-obra especializada.

Também na arte das palavras passamos por ciclos árduos na evolução das ideias e despencamos para uma crise literária.

Numa ruptura do equilíbrio emocional, as pessoas eram tomadas por uma crise de depressão ou um crise nervosa. E segue por aí afora...

E hoje? A crise despersonalizou-se. Prostituiu-se. A vida tá cara? A chuva inundou a cidade? Tá desempregado? Tá malcasado? Tá duro? Tá mole? O calo está doendo? O filme é uma porcaria? Os adeptos da lei de Gerson tomaram conta do país? Enfiam a mão no dinheiro da Previdência? O maldito rato não caiu na ratoeira? A justa chegou na hora? Não havia vaga no motel? O Palmeiras perdeu? O dente tá doendo? Arranjou sarna para se coçar? O Pedro fugiu com a noiva?

Podes crer, compadre, é a crise! Por isso endosso o que disse Consuelo de Castro em sua peça "Caminho de Volta", sobre a crise: "Justifica todas as brochadas das pessoas".

Que que há? Todo mundo virou brocha?

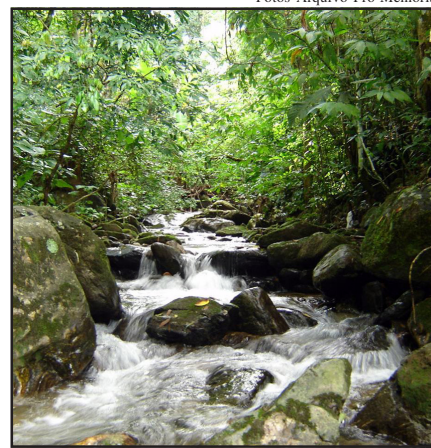
Festa de Santos Reis

Dentro das manifestações do ciclo de Natal, é comum, no interior de São Paulo e Minas Gerais, a apresentação da Folia de Reis. As chamadas Falias de Reis, Ternos de Reis, Tirada de Reis, Santos Reis, Reisados ou simplesmente Reis são grupos que, por devoção, peregrinam de casa em casa no período compreendido entre o Natal e 6 de janeiro (Dia de Reis). Em cantoria, fazem uso de temas religiosos: das profecias do Nascimento do Menino Jesus à visita dos Reis Magos. Cumprem, sempre, os mesmos rituais de chegada e des-

pedida. De modo geral, fazem parte do grupo o mestre violeiro, o embaixador ou capitão da companhia, o contramestre, também violeiro, o alferes da bandeira, porta-bandeira e um, dois ou três palhaços. Saem pelas ruas cantando e dançando. Chegando às casas, com a bandeira na mão, em frente a um presépio contam os foliões a história da viagem dos três Reis Magos ou do nascimento do Menino Jesus. Depois, angariam donativos, para um "ajantarado", com a participação de todos os que formam o grupo.



Em Piquete, por diversas vezes no mês de dezembro de 2012, podia-se ver um grupo de Folia de Reis percorrendo as ruas da cidade e a zona rural. No dia 12 de janeiro, uma comissão formada pelo senhor Arlindo, Dona Cida e senhor Marcos recebeu um número expressivo de convidados para a festa de Santos Reis na Vila Santa Isabel.



Pegadores de peixe

Edival da Silva Castro

Quem olha para o leito do precário Rio Benfica, não imagina que algumas décadas atrás o murmurinho de suas águas era ouvido de muito longe.

Com nascentes na Serra da Mantiqueira, no bairro da Tabuleta, o Rio Benfica atravessa alguns bairros centrais da cidade e vai se encontrar com o Rio Sertão, defronte à Estação Rodoviária. No verão, o rio servia de entretenimento para a rapaziada, que o usava para pescar. Desfrutando das tardes calorentas, os jovens se aventuravam na pesca com as mãos. Removendo os aguapés das margens ou enfiando as mãos em tocas, conseguiam agarrar bagres e cascudos.

As ruas que margeiam o rio ficavam apinhadas de curiosos, e a cada peixe que pegavam e jogavam para o garoto engrossar a feira de peixes a plateia aplaudia. A festa era completa quando um dos pegadores levantava uma cobra-d'água e a atirava contra os curiosos.

O Rio Benfica passou; agora resta a saudade dos dias quentes dentro de suas águas frias, quando tomávamos banho no poço do Amerquinho.



Acesse na internet, leia e divulgue o informativo

"O ESTAFETA"

www.issuu.com/oestafeta

ou

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

Projeto – um bicho de sete cabeças?

Quando ingressamos na vida acadêmica, topamos com uma pedra – logo no princípio do caminho: aqui não se repete conhecimento; aqui se produz conhecimento.

Somos apresentados à metodologia que nos capacita a elaborar projetos para a produção do conhecimento.

O projeto é um mapa dos possíveis procedimentos que nos levarão ao conhecimento desejado.

Este mapa não é definitivo. No encaminhamento pode surgir alguma barreira que deve ser contornada.

É por isso que se diz que o sábio não se entristece quando percebe que errou. Apenas anota: “com certeza, o caminho não é este”.

Causa estranheza o desrespeito ao cidadão brasileiro e sua família quando áreas habitadas precisam ser desocupadas por motivo de reintegração de posse ou de realização de grandes obras de interesse público.

Vivemos em um país democrático que reconhece o direito de propriedade.

São considerados fora da lei apenas os grileiros e invasores. Somente a estes deve ser dada uma solução policial.

Nos demais casos, o traslado se fará a partir de um projeto muito bem elaborado, observadas as condições de clima, de férias escolares, época de plantio e colheita e outras relativas às atividades exercidas pela população.

A mídia nos tem revelado um comportamento estarrecido, do mais irresponsável improvisado criando situações constrangedoras e de muito sofrimento.

Os indígenas brasileiros não são proprietários das terras em que vivem. Têm direito a 15% do território nacional, terras pertencentes à União.

De modo geral, as áreas primitivas em que os índios moravam não foram tomadas à força. À medida que os civilizados avançavam, os índios embrenhavam-se na floresta para não serem mortos.

Foi assim que suas terras originais foram sendo ocupadas por concessão ou compra avalizadas por órgãos geralmente federais.

Tendo os índios manifestado o desejo de voltar às terras de origem, a União, através da Funai (Fundação Nacional do Índio), dá andamento ao processo de demarcação e homologação das terras.

Lutamos durante muitos anos para que os índios voltem ao que sempre lhes pertenceu.

Mas as comunidades que vivem atualmente nestas áreas precisam ter tratamento de cidadãos.

Na Raposa Serra do Sol (Roraima), os arrozeiros não tiveram tratamento digno.

Atualmente, cidadãos brasileiros que ocupam áreas Xavante (Mato Grosso) têm sido tratados com um descaso assustador, se consideramos as crianças em idade es-

colar e a facilmente constatável perda de patrimônio.

O traslado deve ser feito através de um projeto muito bem elaborado, estabelecidas as responsabilidades estaduais e federais e submetido ao aval do prefeito.

Não se deve esquecer que existem no Brasil municípios maiores que muitos países e que muitos brasileiros não têm certidão de nascimento porque os pais não conseguem chegar à sede do município para efetuar o registro.

Quanto às grandes obras, assistimos estarrecidos às paralizações. Por absurdo que possa parecer, cabe às empreiteiras resolver problemas de ribeirinhos e de índios.

Mas a solução aqui é mais fácil. É só as empreiteiras estabelecerem no contrato que não se ocuparão destes itens que dizem respeito a atitudes de governo.

Os Ministérios e Secretarias abrigam tantos assessores, com salários vultosos.

Será que não conseguem preparar um projeto em que ninguém seja prejudicado?

Chega de improviso, chega de descaso!

Só Deus sabe com que sacrifício se monta uma casa, providenciando um colchão de palha para cada pessoa ou uma rede para cada duas crianças.

Governos que dizem querer acabar com a miséria não podem ajudar a destruir o que foi conseguido com tanto sacrifício.

Abigayl Lea da Silva

“Ao vencedor as batatas”

Aqui estamos. Janeiro do ano de 2013. Tempo aguardado por muitos, tempo que sucede à espera do plantio de um ano inteiro, que chega após o semear e as longas elucubrações sobre o que seria melhor, o mais viável para a política de nossas cidades.

De fato, o tempo de semear já passou, findou-se com as campanhas: levantamento de prioridades, promessas e garantias de dias melhores para todos, promessas e garantias de modificação na forma de atuar, de governar para todos, de suprir necessidades, acabar com as indigências e as urgências.

Durante meses vimos, ouvimos, lemos, ficamos sabendo da forma indolente, por que não dizer, da forma quase criminoso, como a maioria de nossas cidades era “governada”. Ou seria melhor dizer, desgovernada?

As populações analisaram, ponderaram, e no dia marcado compareceram para o ato de votar. Para eleger aquelas pessoas em quem ainda confiavam. Agora essas pessoas já tomaram posse e o trabalho a fazer exige desses eleitos tempo integral, dedicação, honestidade e comprometimento com a questão pública. Gerir cidades, de maneira que as populações recebam tudo a que têm direito: cidadania, dignidade da pessoa humana, respeito, saúde, educação, transporte, transparência nos atos dos gestores públicos, prestação de contas dos escolhidos pelos eleitores. Sim, para que recebam daqueles a quem delegaram o poder de gover-

nar a contrapartida que merecem, haja vista que o poder emana do povo e este o exerce através de seus escolhidos (parágrafo único do artigo 1º da Constituição Federal do Brasil).

É a partir de agora, desde já, que começa o cumprimento de tudo quanto foi prometido no que se refere a bem administrar cidades, que sabemos, estão à beira da falência total: sem esgoto, sem saúde, sem educação de qualidade, sem perspectiva de futuro, sem empregos, pois a estagnação econômica já corroeu suas entranhas.

Não se pode esquecer que dos escolhidos se espera coragem, muita coragem para levar adiante os projetos alardeados que conquistaram os votos desejados; espera-se compromisso e comprometimento com a população que os colocou nos cargos almejados; espera-se que, ainda que a passos lentos, mas constantes e firmes, sigam o caminho da meta que traçaram e explicitaram em suas falas durante a campanha política.

Isto porque já não se pode repetir nem admitir nas nossas cidades as antigas formas de administração “do eu comigo mesmo, do eu com minhas pretensões, do eu com minha intolerância e prepotência, do eu com meu grupinho de amigos e familiares que fará tudo que o mestre mandar!!!”

Todo trabalho de maturação, de plantio, de promessas de um novo tempo, de afirmação de que as transformações viriam pelas mãos dos escolhidos não pode ser simples-

mente colocado num baú e arquivado para daqui a quatro anos novamente ser reaberto para uma tentativa de reeleição.

Os escolhidos sabem muito bem a gama imensa de problemas que grassam nas atuais administrações e aceitaram e se propuseram a fazer diferente para melhorar a situação do povo. Não foram enganados nem obrigados a aceitar esse encargo. Só por isso já têm o dever moral de começar a fazer os trabalhos e as tomadas de decisão de outra forma, de maneira que os benefícios cheguem a todos.

Porque desde o início sabiam da profundidade do abismo em que iam mergulhar, e mesmo assim se colocaram à disposição e foram escolhidos por essa coragem para nele se atirarem de corpo e alma e tentar resgatar a dignidade perdida em razão dos desmandos que se instalaram em todos os níveis do poder público municipal.

Será necessária muita luta, muito boa vontade, muito comprometimento para se cumprir as promessas feitas e, por fim, muitas realizações para se devolver à população a dignidade perdida, o orgulho ferido e a esperança aniquilada.

E, se encontrarem a situação assim ou assada, ruim ou pior que ruim, não se esqueçam: “Ao vencedor as batatas”. Estejam elas quentes, frias, assadas, podres, do jeito que estiverem. Vocês as conquistaram. Replante-nas! Façam nascer novas, belas e saborosas.

Eunice Ferreira

Teca Gouvêa, primeira Prefeita de Piquete

Teca Gouvêa tomou posse como Prefeita de Piquete no dia 1º de Janeiro de 2013.

Após a posse dos vereadores eleitos, Teca Gouvêa e seu vice, Hamilton Leite, foram conduzidos, sob os aplausos de uma platéia que lotava como havia muito não se via no Salão de Atividades Luiz Vieira Soares, para que tomassem seus lugares à Mesa Diretora dos trabalhos da Sessão Solene.

Iniciada às 17h, a Sessão Solene foi o evento protocolar da posse da prefeita, que teve, ainda, na parte da manhã, missa solene na Matriz de São Miguel Arcanjo.

Em seu discurso de posse – forte e incisivo –, Teca deixou clara a “situação de calamidade” em que se encontra o município, relatando dívidas a serem saldadas, sucateamento de equipamentos e frota de automóveis, entre outros. Ao afirmar que administrará com transparência, convidou os vereadores para uma reunião na qual apresentaria os detalhes da situação do município.

Teca criticou, ainda, a política pequena e sem valores morais que teve que enfrentar nas últimas eleições de que participou. Destacou, porém, sua perseverança e determinação, que a levam a acreditar numa vitória baseada num modelo executivo de administração profissional, com elaboração de projetos de qualidade em todos os setores, discussão de opiniões e honestidade no trato com a coisa pública.

Coerente com seu discurso de campanha, Teca ratificou seus compromissos com os munícipes, afirmando que seu trabalho não será partidário e, sim, pelo bem de Piquete. Para isso, alertou, precisará da colaboração da Câmara Municipal, da qual espera um trabalho sério e abnegado em favor de Piquete. De sua parte, garantiu o envio de projetos claros, objetivos e elaborados em bases técnicas. Destacou, ainda, a importância do fortalecimento das instituições municipais, associações com as quais pretende trabalhar visando à melhoria da qualidade de vida dos munícipes.

Os piquetenses que elegemos Teca Gouvêa estamos esperançosos. Sem promessas vazias, Teca vem, já desde sua eleição, trabalhando arduamente no estabelecimento de diretrizes para administrar os próximos quatro anos da cidade de Piquete.

Câmara Municipal de Piquete

A Sessão Solene de 1º de Janeiro foi inicialmente presidida, conforme previsto na Lei Orgânica do Município, pelo vereador Moita, candidato eleito com maior número de votos. Após empossarem a prefeita e o vice-prefeito, os vereadores deram andamento aos trabalhos com a eleição da Mesa Diretora da Câmara para o biênio 2013 / 2014. Após calorosa e disputada votação (secreta), foi eleita para Presidente da Câmara Municipal de Piquete a vereadora Cidinha do PSF. A vice-presidência ficou com o vereador Moita. Para Secretário, foi empossado o vereador Rodrigo Nunes, após desistência da candidatura do vereador Fernando.

A eleição de Cidinha do PSF vem ao encontro dos projetos de Teca Gouvêa, que acredita na força da mulher no atual contexto político nacional.

Queima de fogos e Reveillon

Como uma das formas de agradecer à população piquetense pelos votos recebidos, Teca Gouvêa proporcionou aos piquetenses, à meia-noite do dia 31 de dezembro, véspera da posse, um animado e organizado Reveillon, com banda e muita animação na Praça Duque de Caxias. Antes, uma sensacional queima de fogos iluminou a noite de Piquete. Importante destacar que, em função da situação financeira do município, não estava programada festa alguma. A queima de fogos e a festa na Praça Duque de Caxias foram feitas sem custos para o erário público.

Ética e Imparcialidade

A eleição de Teca Gouvêa, que, juntamente com o segundo colocado nas eleições, abarcou cerca de 80% dos votos válidos do município, evidencia o desejo de mudança da população. A única promessa de Teca foi de se comprometer com a população a administrar sua cidade natal com seriedade, honestidade, transparência e trabalho árduo.

Que venham os próximos quatro anos! Que venha a administração Teca Gouvêa! O ESTAFETA parabeniza a primeira prefeita de Piquete e compromete-se com seus leitores a manter o editorial imparcial ao longo desta administração, pois está certo de que a ética e a imparcialidade são os melhores presentes que pode oferecer.

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

